

A FRELIMO SEGUNDO JOAQUIM CHISSANO

Construímo-nos na crítica e auto crítica

Salomão Mulambo e Gil Filipe

Joaquim Alberto Chissano, antigo Presidente da República, é um dos membros da primeira linha da Frelimo. Integrou as fileiras do partido desde os tempos de movimento de libertação, tendo desempenhado várias tarefas, incluindo a de presidente da organização, posto que decidiu, de livre e espontânea vontade, abdicar, no seguimento da intenção por si manifestada de não se recandidatar ao cargo de Presidente da República em 2004. É por ser um militante de primeira linha que o entrevistámos, a propósito dos 50 anos da criação da Frelimo e da realização do X Congresso desta formação política. Nesta entrevista, Chissano fala dos ciclos, das crises e das virtudes que a Frelimo foi consolidando ao longo da sua trajectória. A seguir os extractos mais significativos da referida entrevista:

NOTÍCIAS (Not) - "Celebramos a FRELIMO de 1962". Queira explicar o verdadeiro sentido da frase por si proferida no decurso do simpósio internacional sobre os 50 anos da FRELIMO.

JOAQUIM CHISSANO (JC) - Bom, antes do simpósio internacional eu tinha ouvido discussões ou afirmações em volta da identidade da FRELIMO. Se a FRELIMO completa realmente 50 anos ou não. Uns diziam que não completa 50 anos porque em 1977 deixou de ser FRELIMO para ser partido Frelimo. Então, eu achei que era um ponto a esclarecer antes de continuarmos a falar sobre os 50 anos e é por isso que iniciei dizendo que estávamos a celebrar a FRELIMO de 1962 e conclui, depois da explicação, que a Frelimo é uma e única que vive as suas diferentes fases da vida. Exemplifiquei, por analogias, dizendo que uma pessoa até pode mudar de nome e até pode mudar de religião, mas a pessoa é a mesma e os objectivos a alcançar continuam a ser os mesmíssimos de 1962 porque, afinal de contas, a FRELIMO foi criada para a libertação de Moçambique, que significa a libertação dos homens. E como o Presidente Samora dizia libertação da terra e dos homens, e essa libertação tinha por sua vez o objectivo principal de elevar, fazer com que a população

ou o povo moçambicano pudesse transformar a sua vida para viver num nível superior, o que não seria feito de uma vez, havia de se fazer





progressiva e permanentemente. A inspiração do homem é de melhorar as suas condições de vida e é por isso que para fazer tudo isto era preciso termos uma força unida: a FRELIMO. Lembram-se das palavras de ordem daquele tempo: uma só força, o povo moçambicano; um só guia, a FRELIMO; um só objectivo, a independência nacional.

Not - Este percurso de transformações do partido, até hoje, foi caracterizado, nalgum momento, por certas crises internas. Como é que o partido conseguiu superar tais crises?

JC - Duma maneira geral, a justeza dos objectivos também foi a base da justeza dos princípios que foram seguidos. Foi assim na base de observar os objectivos e os princípios que nos impulsionavam a termos uma visão da organização necessária para alcançarmos esses objectivos e a visão da qualidade dos seus homens que deviam realmente estar na vanguarda desta luta. Assim, tivemos a primeira crise logo após a realização do primeiro congresso e consistiu na revelação de uma incompreensão das tarefas e das responsabilidades de cada um. Isto porque os eleitos começaram a olhar para os poderes; quem tem mais poder, quem tem menos poder e isso criou alguma tensão que conduziu a que alguns se retirassem da direcção. Onde digo congresso, entenda-se logo após o 25 de Junho, após a reunião da unificação. E começaram então algumas reivindicações, mas apesar disso foi possível manter a organização unida até ao primeiro congresso. Portanto, nessa altura não chegou a haver uma crise enquanto tal. A primeira crise vai acontecer de facto, depois do congresso. Portanto, logo após essa reunião de 25 de Junho, em 1962, sente-se que há aqui uma lacuna de compreensão de responsabilidades e das tarefas de cada um e aí começa a se sentir alguma tensão. Adelino Guambe, que era presidente da UDENAMO, não participa na reunião da unificação.

Not - E por que não participa?

JC - Não, não, a leitura que nós temos é que ele sabia que não ia ser

eleito como presidente; é um indivíduo que pelo seu carácter não ia pertencer a nenhuma organização onde ele não fosse líder. Ele era líder da UDENAMO e a FRELIMO nasce do entendimento ou da fusão do movimento e a UDENAMO. Ele é que não participou e todos os membros da UDENAMO passam a ser membros da FRELIMO porque é uma fusão de todos esses movimentos e a pertença à FRELIMO não dependia já da pertença a um movimento. Portanto, o Adelino Guambe, que era presidente da UDENAMO, não participa, mas, como sabem, ele tinha indicado para as negociações uma delegação. Ele é que não quis ficar e então foi corresponder a um convite no estrangeiro que não era tão importante como a formação de uma Frente. Aí foi eleita uma direcção. Em todo o caso o Guambe sabia que não ia ser eleito como presidente porque nenhum dos líderes dos diferentes movimentos podia ser elegível a presidente, isso foi um entendimento. Foi então por aí que o doutor Eduardo Mondlane teve que aderir a um dos movimentos que nesse caso foi a UDENAMO para poder ser candidato porque os candidatos tinham que sair de algum dos três movimentos.

Not - E o Presidente Chissano nasce de qual movimento?

JC - Eu não precisei de nenhum movimento, porque eu não era candidato. E, aliás, eu estava em Paris na altura, mas como fui com os que trabalharam para a unificação dos movimentos logo que se formou a FRELIMO eu tornei-me automaticamente membro e recebi o cartão no dia 25 de Junho de 1962.

Not - Para além do Dr. Mondlane quem foram os outros candidatos?

JC - Isso aí é preciso ter a lista, mas aqueles que eu me recordo, está o Dr. Eduardo Mondlane, o reverendo Urias Simango, o Silvério Nungo, o David Mabunda, o Paulo Gumane, o Matias Mole, o Madinga, entre outros.

Not - Havia assim tantos candidatos?

JC - Bom, esses são aqueles que foram eleitos, todos esses nomes correspondem a postos. Mas eu creio que não houve candidatos assim tantos para serem eliminados, parece que todos os que foram candidatos foram eleitos, em diferentes postos.

Not - Insistimos nas crises, senhor Presidente...

JC - Durante estes 50 anos a FRELIMO também se fez de crises. Mas é o que eu estava para vos explicar. A primeira crise que surge é logo depois do congresso. Estes indivíduos começaram a guerrear-se sobre a hierarquia, tirando o presidente Mondlane que não guerreou. O Paulo Gumane, que era secretário-geral, já queria reivindicar um lugar na hierarquia, superior ao do Urias Simango, que era vice-presidente, ele argumentava por comparação ao que se passava em alguns países socialistas, como a União Soviética, em que a figura do secretário-geral parecia a principal figura do Partido Comunista da União Soviética, enquanto que a de presidente era pura e simplesmente para presidir as reuniões. Mas para dirigir o partido e o povo, neste caso, era o secretário-geral. Então dizia que o secretário-geral está acima do vice-presidente. Então havia o

presidente e ele aceitava que o presidente podia estar acima dele; depois a seguir tinha que ser o secretário-geral e depois tinha que ser o vice-presidente e evidentemente, como havia um secretário-geral adjunto, que era o David Mabunda, queria saber qual é o lugar dele, no que então houve uma pequena crise em volta disto. O sr. Guambe, que estava fora, ao invés de regressar a Dar-es-Salaam, foi para Cairo e em Cairo já havia um escritório da UDENAMO antes. Ele vai para Cairo e proclama a criação de um novo movimento que se chamou de Nova UDENAMO. E por causa deste conflito que havia aqui em Dar-es-Salaam, entre os dirigentes, surge que os descontentes como Paulo Gumane e David Mabunda foram se juntar a ele nesta Nova UDENAMO. E havia um que era o representante da UDENAMO na altura, lá no Cairo, que é o Guidion Samuel Mahluza, que é Manhique e conhecido por Mahluza, ele também adere e lideram portanto esta Nova UDENAMO. Ao mesmo tempo, o Matias Mole e o Madinga também começam a reivindicar melhores posições, dizendo que deviam assumir cargos maiores do que os que eles assumiam e retiram-se para Mombança e lá vão declarar a criação da Nova MANU e os restantes membros mantiveram-se na base. Ele saía como indivíduo, mas não retirava o movimento, portanto a UDENAMO continuava, a MANU também continuava. A Nova UDENAMO, a Nova MANU eram grupos novos que não tinham nada a ver com a frente e, como eu disse, o Guambe quer ser líder, sempre, onde quer que esteja. Então houve contradições na liderança da Nova UDENAMO lá no Cairo e ele retira-se e vai para o Uganda. Quando chega a Campala forma a UDENAMO Monomotapa. Portanto, o nome de Moçambique passava a ser Monomotapa para ele e declara que se criava uma nova frente que se chamava FUNIPAMO, Frente Unida Anti-Imperialista Nacional de Monomotapa, e que era composta pela UDENAMO Monomotapa e pela Nova MANU. Só que esta frente nova acaba sendo denunciada porque não representava nada, não tinha base, não tinha membros. Todos os membros estavam na FRELIMO. Isso fez com que o Matias Mole e Madinga Madinga denunciassem esta proclamação da nova frente, da FUNIPAMO, e dizem que bom, eles não pertencem a esta FUNIPAMO e acabaram abdicando de fazer política. Matias Mole volta para fazer a sua vida normal como cidadão, um cidadão que não dirigia nenhum movimento, porque não existia nenhuma Nova MANU; era tudo uma farsa e é assim que acabou a participação de Matias Mole e de Madinga Madinga. Eles saíram da política voluntariamente.

**Ataques
ao escritório
e outras
crises**

Portanto, essa foi a primeira crise e que foi superada. Houve muitos

episódios que aconteceram e que muitos podem chamar de crise mas que eu não iria chamar crise. Esta Nova UDENAMO ou esta UDENAMO Monomotapa e esta FUNIPAMO, a partir de Campala e de Cairo, começam a agitar militantes e membros que se encontravam em Dar-es-Salaam para se rebelarem contra a direcção da FRELIMO, para tentar mostrar ao mundo que a FRELIMO não era representativa para o povo moçambicano. Foram mobilizados moçambicanos, alguns residentes em Dar-es-Salaam, para se rebelarem utilizando a sua fraca formação académica, o seu analfabetismo, até o seu desconhecimento da dimensão do seu próprio país que é Moçambique. Como sabem, havia muitos moçambicanos da etnia maconde que foram à procura de trabalho em Dar-es-Salaam e que foram a base da organização dos movimentos de libertação, muitos

para eu fugir. É nessa altura que chegou um socorro porque lá no lugar onde estávamos concentrados lembraram-se de que tinham cometido um erro, e eu também cometi o erro de aceitar ir sozinho. Mas eles também cometeram o erro de me mandarem sozinho, sabendo que o escritório podia ser invadido e então eu tive esse apoio e conseguimos sair. De regresso, já fui de carro do serviço. O Comité de Libertação não chegou a aperceber-se do tumulto havido, mas soube-se alguma coisa, porque a Polícia teve de intervir. Portanto, a Polícia teve de recuperar todos os materiais que tinham sido retirados das residências dos funcionários, geleiras, mesas, fogões, incluindo um carro de marca Land Rover.

Not - Lembra-se de outras crises?

JC - A segunda crise tem uma génese que vai culminar com a

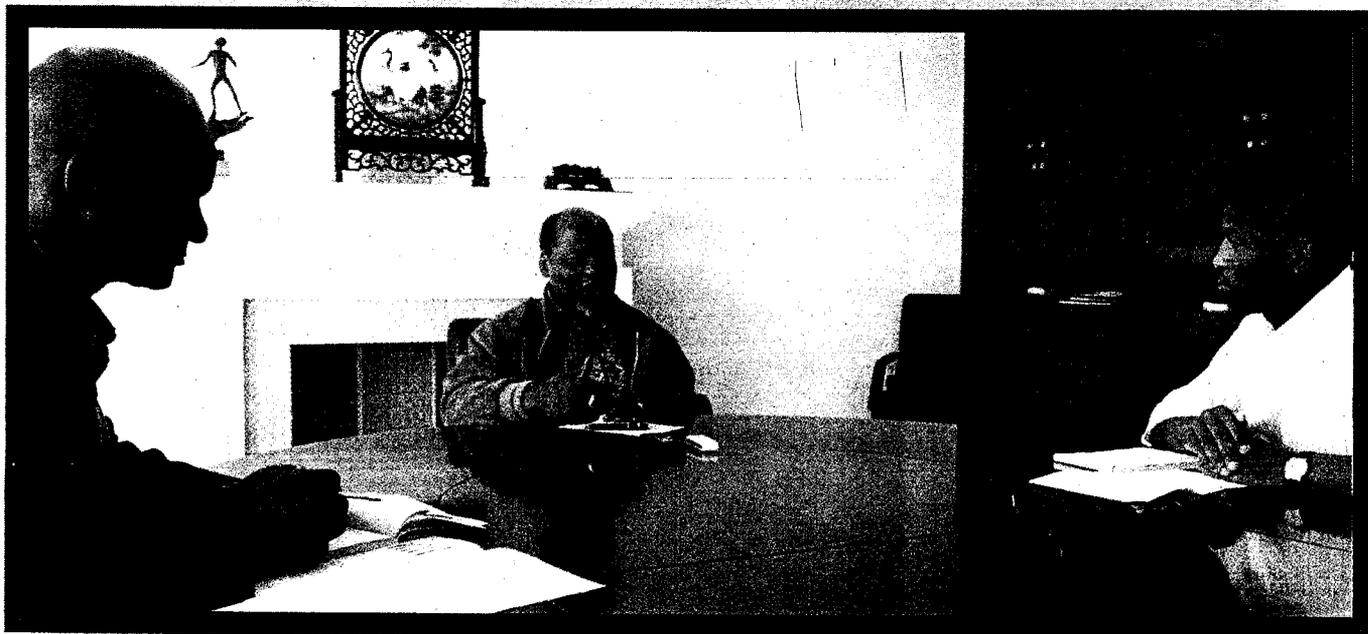
através do diálogo, um princípio da FRELIMO que era crítica e auto-crítica e é isto que fazia com que a gente pudesse superar qualquer crise. Evidentemente, a vigilância também fazia parte deste processo porque estávamos numa luta contra um inimigo que utilizava todas as formas para enfraquecer a FRELIMO, para nos dividir. Portanto, a vigilância era necessária, tínhamos que compreender o que estava por detrás de cada crise e invariavelmente encontrámos a pouca firmeza das pessoas para o combate, encontrámos também a pressa e a precipitação, a impaciência, portanto, de muitos que queriam resultados imediatos da luta. Achavam que a luta era para alguns dias, meses e depois havia uma repartição de qualquer benefício, etc. etc. É o que estava na cabeça de alguns e, invariavelmente, encontrámos também o trabalho

gresso, a linha errada persistiu para reivindicar essa separação da província de Cabo Delgado e a linha correcta defendia que isso poderia contaminar outras províncias. Cria-se aí um confronto e desse confronto há mártires como Paulo Samuel Khankhomba, que é morto. Isso requereu um outro diálogo, desta feita presidido pelo representante do governo tanzaniano e partido TANU, onde participou o Presidente Mondlane, o vice-presidente Urias Simango e nós outros também participámos, incluindo outros líderes, alguns vindos a propósito do interior. Aí conseguiu-se então resolver, parcialmente, a crise, o que permitiu a continuação da luta armada e a reabertura da fronteira que tinha sido barrada por milicianos leais aos dirigentes daquilo que a gente chamava de linha errada.

-lhe o pescoço, mas como o buraco não era profundo soturaram-lhe a ferida e sobreviveu. Os que fizeram isso estavam convencidos que já o tinham morto. Até pensavam, aliás, que estavam a matar a mim. Eu ouvi lá no hospital. "já matamos o Chissano, já matamos o Chissano". Mas eu estava lá no meio deles, mas eles não sabiam. E a sair do gabinete, da porta do escritório, fui derrubado por esses assaltantes, mas consegui fugir e quando me queriam agarrar de novo abri o botão da camisa e eles ficaram com a camisa, nessa altura banhado de sangue, sangue do camarada Muthemba, portanto.

Not - Os líderes dessa revolta não chegaram a ser presos?

JC - O Exército, de intervenção rápida veio e prendeu toda gente. Eu também fui preso. Fui preso porque estava banhado de sangue, parecia um criminoso. Estava ba-



dos quais eram apoiantes da TANU (Tanganyika African National Union) e que participaram no movimento político daquele tempo. Este episódio culminou no ataque aos escritórios da FRELIMO em 1963. Felizmente não aconteceu muito de grave. Nós, com a nossa vigilância, soubemos de antemão que iriam tentar atacar as pessoas no escritório, portanto, os trabalhadores do escritório, todos os dirigentes e funcionários do escritório decidimos não trabalhar no escritório nesse dia. Fomos trabalhar numa casa particular no centro da cidade e dá-se um episódio. Esse episódio, em particular, toca a mim, porque eu fui incumbido de ir buscar o carimbo que nós tínhamos esquecido no escritório. Então, eu tinha que ir abrir o escritório, tirar o carimbo, sair depressa e fechar de novo o escritório e voltar para o lugar onde estávamos a trabalhar. E então quase que fui apanhado, mas consegui fechar a porta, posso dizer que consegui lutar contra as pessoas que me cercavam. Consegui que eles abrissem uma brecha

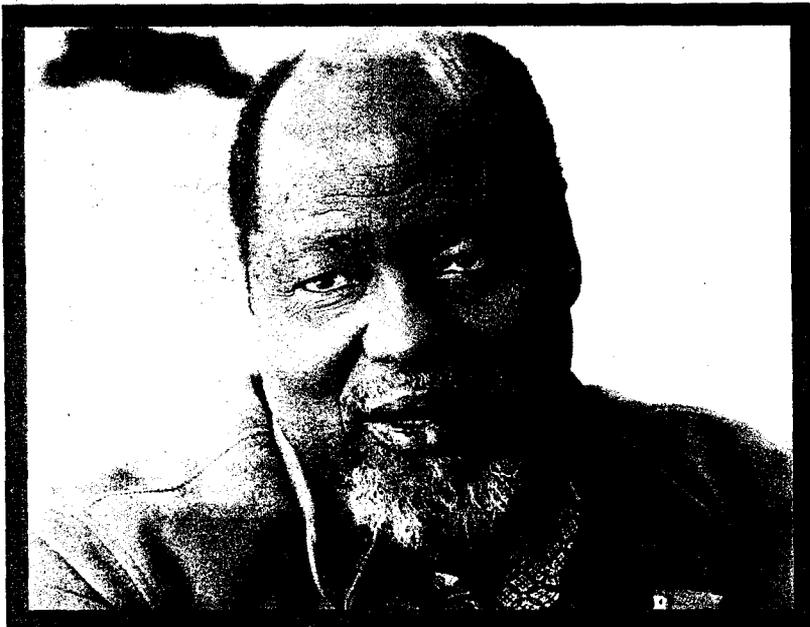
realização do II Congresso. E esse II Congresso é que resolve essa crise que estava iminente. Havia a necessidade de se realizar o II Congresso, e uns queriam que se realizasse no exterior e outros no interior de Moçambique e outros até que não queriam nenhum congresso, porque eram esforços adicionais que enfraqueciam o desenvolvimento da luta armada. Mas uma vez assumida a ideia do congresso, ele tinha que se realizar no interior. Mas havia manipulações que estavam sendo feitas no exterior de Moçambique e que diziam que o congresso no interior havia de excluir a maioria dos combatentes. Mas basta ver que em 1967 nós já tínhamos zonas semi-libertadas e a população era muito grande. Os que estavam em Dar-es-Salaam, na Tanzânia, já passavam a ser uma minoria em relação aos que estavam em liberdade em Cabo Delgado, Niassa, Tete e Zambézia. O congresso teve lugar porque era a forma de levar o diálogo a todas as províncias, portanto, posso dizer que a superação de crises é feita

do inimigo para inculcar certas ideias, e o inimigo trabalhava de uma maneira muito subtil; muitos pensavam que eles é que tinham pensado, eles é que queriam fazer, mas afinal estavam a corresponder a impulsos que vinham de fora. E esta crise leva-nos ao segundo congresso e lá há um diálogo, há resoluções, há um caminho muito correcto, mas aqui já tínhamos claramente duas linhas: aquilo que nós chamámos uma linha correcta e uma linha errada, e essas da linha errada continuaram persistentes nos seus objectivos; daí que logo depois do congresso pretendem declarar a separação da província de Cabo Delgado e proclamar uma independência unilateral de Cabo Delgado, ou parcial. Havia alguns líderes tanzanianos de origem maconde que até apoiavam essa tese e, portanto, sendo uma zona libertada, devia-se hastear uma bandeira e içá-la de forma a ficar independente. Aí cria-se uma situação de desavenças e criam-se as duas linhas: a linha correcta e a linha errada e, no fim do II Con-

Inimigo continua a trabalhar

Entretanto, o inimigo continuava a trabalhar. E aí organiza novos tumultos em Dar-es-Salaam. Estou a falar agora de 1968. O maior tumulto foi quando se viu o assalto ao escritório da FRELIMO. E certamente já acompanharam narrativas desse assalto de diferentes protagonistas que estavam lá, não protagonistas do assalto, mas vítimas. Eu estava no escritório quando o assalto se dá e o meu gabinete estava lá no fundo, por isso é que eu não me apercebi dos primeiros ataques. Esse ataque resultou no ferimento grave de Mateus Sansão Muthemba, membro do Comité Central e secretário da Organização para a zona sul do país e responsável pelas telecomunicações e que veio a falecer mais tarde, e de Juda Sindy, um jovem da FRELIMO ferido gravemente. Cortaram-

nhado de sangue sem estar ferido e então fui apanhado e meteram-me numa cela em que éramos dois. Calhei com um daqueles que eu vi realmente, a bater no Muthemba e certamente que não posso recordar agora se é aquele que meteu a ponta de marfim na sua cabeça ou se foi aquele que bateu com pedras. Mas era um indivíduo que realmente metia medo porque os olhos dele estavam muito vermelhos. Eu teria suspeitado que ele teria fumado soruma; que teria se drogado antes ou teria bebido muito porque estava com olhos bem vermelhos. Eu fiquei com medo lá dentro, mas pronto, é por isso que dizem que eu sou calmo demais e procurei recuperar a calma para conversar com ele. E a minha conversa foi no sentido de me pôr do lado deles; dos assaltantes. Como estava detido eu disse oh meu amigo, mas como é que nós nos envolvemos afinal nisto? Eu só me envolvi, mas não sei como tudo começou. Eu fui para lá e tal, mas eu não sei, tu sabes? E ele disse, ah! Tu não sabes? E a resposta foi aquilo que eu já sabia ou suspeitava, que



era o envolvimento do Urias Simango na mobilização dessa gente para se revoltar. Se calhar eles não viram qual era a dimensão de tal revolta. É como hoje em dia, as pessoas dizem vamos fazer greve. A greve tem um significado, mas para outros não tem tal significado. Para uns tem o significado de fazer tumultos, vandalismo, matar, ferir, destruir tudo. Para esses é greve, mas afinal greve não é isso, greve é não trabalhar, é não obedecer a ordem do trabalho, é não ir ao emprego, mas para muitos greve significa revolta violenta.

Not - Durante quanto tempo permaneceu enclausurado?

JC - Muito pouco tempo, porque vieram-me tirar os da Polícia. Nem, eles próprios souberam que eu estava lá porque havia pessoas, não sei quem foi esse alguém que foi dizer à Polícia, que tinham cometido um erro porque tinham prendido

um dos líderes que era vítima e que se chama tal e por sinal é o chefe da segurança, e então vieram dizer "olha afinal esse homem tem que sair"; portanto eu não dormi lá, fiquei horas, as necessárias até o chefe da Polícia saber que eu estava lá.

Not - Quando morreu o Dr. Mondlane, o Presidente Chissano era seu secretário particular. Há correntes que contrariam a versão segundo a qual Mondlane morreu nos escritórios da FRELIMO, em Dar-es-Salaam. Qual a sua versão?

JC - Não é a versão oficial a história de que o doutor Mondlane tenha morrido nos escritórios da FRELIMO. Essa é uma deturpação de processos e eu não sei de onde saiu essa informação. Nunca a FRELIMO teve essa linha de que o presidente Mondlane morreu no escritório. Mondlane morreu na

casa da Betty King (uma amiga do movimento de libertação) e esse é um assunto que nem se podia escamotear. Não, não se podia escamotear, primeiro porque a Polícia foi fazer uma investigação lá e os jornais na altura falaram. Falaram daquilo que tinha acontecido. Nunca houve declaração de que ele morreu no escritório e nem havia necessidade de se esconder isso porque a investigação foi pública. Eu fui lá, ainda estava muito traumatizado pela notícia e quem me dá a notícia de que havia possibilidade de ter sido o presidente Eduardo Mondlane que sofreu de uma explosão na sua casa foi a própria Betty King.

Not - Pode contar-nos o que efectivamente aconteceu?

JC - Eu vou vos contar de novo aquilo que eu já contei. Eu estive com Mondlane alguns dias antes da morte, precisamente em casa da Betty King, e ele incumbiu-me a tarefa de ir ter com o vice-presidente da Tanzânia para obter resposta sobre os pedidos que ele tinha feito. Eu tinha que estar lá na segunda-feira, dia 3 de Fevereiro. O certo é

para o presidente Mondlane não estava lá, nem a correspondência, e quando perguntei me disseram que o presidente Mondlane já tinha passado pelo gabinete e tinha recolhido a correspondência e que tinha seguido. E eu já sabia para onde ele tinha ido, ou suspeitava que teria ido nessa altura para o lugar do encontro. O que se passa é que a senhora Betty King telefonou-me nessa altura e pergunta-me se eu sabia onde é que estava o Eduardo; é assim que tratavam o presidente Eduardo Mondlane, um tratamento familiar, da Janet. Eu respondi que pensava que Mondlane estivesse em sua casa. E ela então disse: "é ele". Ele quem? Perguntei. E ela disse que a tinham telefonado a dizer que em sua casa houve uma explosão e que o doutor preto que costuma ir lá acabava de entrar. Exclamei comigo e disse: porque não fui eu? Porque eu não cheguei antes? Porque não sabia o que é que se passou... podia ter sido uma mina, podia ter sido uma granada porque se tivesse chegado primeiro se calhar aquela explosão havia de explodir antes, mas também eu não



que eu estive com ele na sexta-feira anterior, na mesma noite em que regressou, não sei se de uma viagem, e tínhamos combinado encontrarmo-nos lá na segunda-feira juntamente com um polaco, que era um mergulhador e que andava a apanhar conchas no mar e as colecionava. Nós queríamos contratá-lo para treinar os nossos camaradas como mergulhadores. Então estão a ver que aqui já é a minha tarefa, como secretário de segurança, porque secretário de segurança que eu era não era Polícia como muitos pensam. Aquilo chamava-se Departamento de Segurança, mas era um departamento, como queiram, de inteligência e/ou de reconhecimento estratégico e então esses mergulhadores haviam de ser muito importantes na preparação de novas frentes e para o trabalho do plano que tínhamos. Então teríamos que nos encontrar lá com ele e também recolher os resultados que havia do gabinete do vice-presidente da Tanzânia nessa segunda-feira, mais ou menos às 11 horas. Quando chego ao gabinete para ver a correspondência que era para levar comigo

podia ter chegado primeiro porque estava a cumprir uma missão. Recompus-me rapidamente, porque era preciso fazer alguma coisa. Portanto, não se tratava da casa da amante nenhuma, uma outra coisa que as pessoas inventam. Quando a Betty King estivesse no trabalho na casa dela não estava ninguém; era sossegado e havia que se trabalhar à vontade. Levei comigo o Marcelino dos Santos e fomos lá. Já não me lembro quem era o condutor. Fomos à casa da Betty King e eu desço e precipito-me lá para o lugar e já estavam lá alguns polícias. Quase que chegámos ao mesmo tempo e constatámos que Mondlane estava lá despedaçado dentro da casa. Descreve-se como varanda porque é uma casa assim... com estrutura de vidro e ele estaria ali dentro. Então todos esses vidros foram pelos ares; a cadeira onde ele estava sentado danificada e eu não posso descrever mais, porque não dá para olhar, a não ser os polícias que estavam habituados a essas coisas. Eu só venho a saber exactamente como é que a coisa ocorreu depois, porque eu acompanhei as investigações, eu ajudei

nas investigações.

Bomba que matou Mondlane partiu de Moçambique

Not - Alguns companheiros dentro da Frelimo foram detidos?

JC - ... eu e o camarada Marcelino dos Santos fomos detidos e nós não assistimos o funeral do presidente Mondlane por estarmos detidos.

Not - Quanto tempo?

JC - Foi até ao funeral, mas depois do funeral sai. Pode ter sido uma semana, não foi exactamente uma semana, alguns dias, portanto foi desde a morte até o funeral. Então é só ver quando é que foi o funeral e eu creio que no dia seguinte, depois do funeral, nós fomos libertados. Agora, o que se diz, não sei porque, é que Marcelino Santos, a esposa e eu fomos detidos para a nossa segurança, não houve interrogatório. Mas, por outro lado, chegaram a mim informações de que eu pessoalmente teria sido detido por ter sido o primeiro a chegar na cena do crime. Mas agora, em retrospectiva, é muito bom, não fui o único. Primeiro, porque fomos no mesmo carro com outros, mas talvez porque conheciam o Urias Simango como vice-presidente não houve suspeitas, mas esse outro que era o Chissano que não conheciam e qual era a função dele ou talvez pelas funções que desempenhava, etc., etc., podia ser algo de suspeitas. Mas logo que souberam que eu era chefe de segurança, o chefe da Polícia da investigação exclamou contra o seu adjunto e disse: "mas como é que vocês podem prendê-lo, se é este que nos pode dar as pistas para a gente procurar os criminosos?". Então, a partir dali eu saio da detenção para integrar uma parte da equipa da investigação. E a Polícia recolheu todos os pedaços que encontrou lá dentro da sala. Eram muitos pedaços de livros enrolados e que por força da explosão se assemelhavam com os pedaços do próprio explosivo, sobretudo o detonador, os pedaços do detonador com os fios que ligavam a bateria, os pedaços da bateria com as suas inscrições, os pedaços do livro que permitiram reconstituir o título do livro de um escritor russo, Pektanov, e uma parte do invólucro do livro, da embalagem nem... o livro não tinha uma embalagem muito grande. Tinha uma banda de papéis colados no livro e carimbos dos correios a simular que a embalagem teria vindo da União Soviética. Então, isto tudo foi matéria de investigação. E eu lembro-me que fui eu que conduzi à descoberta de que o carimbo que estava lá, aparentemente de Moscovo, era falso, porque eu sabia ler as letras do alfabeto russo e vi que havia erro em alguma das letras. Quem tentou copiar, copiou mal, portanto era um carimbo fabricado. Então isso fez com que eu fosse ao escritório

apanhar os carimbos dos correios da União Soviética que vinham nas embalagens das correspondências que nós recebíamos ou de revistas que também eram embaladas e depois foi-se à embaixada da União Soviética para verificar se de facto aquele carimbo era verdadeiro e ficou claro que aquele carimbo era falso; era somente para o despiste; fomos à procura do detonador, nos armazéns de armamento do exército tanzaniano e não encontramos nenhum detonador ligado a este; fomos para todas as partes e a Polícia acompanhava, não encontrou nenhum detonador nos armazéns de armamentos da FRELIMO, nem em Dar-es-Salaam, nem na Beira e nem em Namungueya. Não havia detonador igual a este a bateria, a casca da bateria tinha números de inscrição que indicavam que a bateria era originária do Japão. Então com a ajuda da Interpóol a Polícia tanzaniana conseguiu estabelecer que esta bateria era de um lote de baterias importadas por Moçambique e que esse lote tinha sido vendido na Beira. Chegou-se a esse detalhe, portanto, se deu a conclusão de que este engenho que explodiu com o livro eram provenientes da Beira. Portanto, esta morte do presidente Mondlane precisou de uma análise, com diálogo, crítica. Portanto, no término da investigação tudo indicava que alguém trouxe a bomba de Moçambique.

Not - E como é que a bomba chegou a Dar-es-Salaam?

JC - É aí que aparece a figura do Dhlakama. Não este Dhlakama (líder da Renamo). Ele é que transporta uma encomenda que ele próprio não conhece, mas que era para ir entregar ao senhor Urias Simango ou ao Silvério Nungo. Não sei a quem ele entregou. Há uma versão que diz que ele entregou num hotel ao Nungo para este entregar a Simango, qualquer coisa assim. Bom, com isto aqui eu apanhei um trauma, é que eu sabia que havia uma conspiração contra Mondlane e que eu já tinha avisado o presidente Mondlane para não andar sozinho e que devia ser acompanhado, porque ele ia ao supermercado fazer compras, conduzia o seu carro, etc. Mas sabíamos que havia uma conspiração. Bom, naquele dia ele quis ir sozinho e achava que ali não haveria perigo. Mondlane ainda não se tinha realmente apercebido qual era a profundidade dessa tentativa de assassinato ou ele não acreditava mesmo que pudessem ir tão longe.

Not - Mondlane morreu, e depois?

JC - Bom, feito o funeral, portanto estamos em crise porque não temos o líder, o líder já morreu começámos a ver como superar isso e a decisão foi recorrer de novo ao objectivo. O nosso objectivo qual é, é combater para alcançar a independência nacional. Então não vamos perder tempo com muita coisa. Vamos prosseguir a luta e para prosseguir a luta vamos nos reorganizar. Começámos por fazer a análise crítica e auto-crítica no nosso selo para sabermos quem matou Mondlane é o inimigo e o que aconteceu no nosso selo é que o inimigo penetrou tão

perto com um instrumento dessa natureza.

Not - Sr. Presidente: 50 anos após a criação da FRELIMO e 37 depois da proclamação da independência nacional, acha alcançados os objectivos que conduziram à luta armada?

JC - Não. A independência tem que ser total e completa e nós definimos que a independência que nós queremos é a independência política; a independência económica e a independência cultural. Quanto à independência política nós preferimos dizer que concluímos, temos a nossa bandeira, temos o hino nacional, temos a nossa Constituição, desenvolvemos o processo democrático à maneira como nos convém e há maior participação da população. Mas a independência económica ainda é um trabalho em curso; é uma luta em curso. Ainda temos muita dependência do exterior em vários aspectos para o nosso desenvolvimento económico. Temos a independência política que nos faz decidir isto mais aqui, mas com os constrangimentos das nossas capacidades de decisão económica ou por falta de finanças ou por falta de tecnologias, o know how é claro e ainda não chegamos aquela fase em que economicamente podemos dizer com pulmão cheio que estamos a tratar as coisas de igual para igual com os outros países. Mas estamos a ir para lá; estamos a seguir, estamos a tentar dominar os nossos recursos naturais para que possam ser transformados e utilizados para o bem do povo. Eu penso que não há nada contrário à independência desejada; pura e simplesmente estamos numa fase de progressão para estes últimos objectivos. Devo dizer que a independência cultural, também estamos a marchar, recuperámos muito daquilo que a nossa cultura, valorizamos muito esses festivais de cultura que nós temos, conhecimento da nossa cultura diversificada. Diria que em todos esses ramos político, económico e cultural seria utópico a gente pensar que há-de haver uma independência absoluta porque no mundo não há-de existir nenhum país absolutamente independente, a independência que se deseja é esta independência em que teremos a capacidade de decidir sobre o desenvolvimento económico de uma maneira independente. Mas é desta forma que vamos decidir como alienar um pouco da nossa independência para nos relacionarmos com outros povos que também estão a fazer desenvolvimento económico. Um desenvolvimento económico hoje em





“ Nada dita que próximo presidente tem que ser do norte, centro ou sul ”

dia está entrelaçado, sobretudo, com esta teoria da globalização. O que nós queremos é que haja uma independência suficiente para nos permitir sermos todos interdependentes, quer dizer, que Portugal que é antiga potência colonizadora vai reconhecer que precisa de Moçambique e Moçambique precisa de Portugal, como os Estados Unidos, que são o chefe do imperialismo, precisam de outros países, como Moçambique, e Moçambique precisa dos Estados Unidos. A luta aqui agora é dizer se esta interdependência passa a ser benéfica para todos e desejada por todos, sem que um force o outro. Por isso é que eu digo que não há independência absoluta. Mas eu vejo a independência como este poder, ter o poder de decidir sobre todas essas questões; então estamos aí independentes, independentes para aceitar uma interdependência justa.

Not - A propósito da independência económica: existe a descoberta de recursos no país. Não recela que essa descoberta venha a ser foco de conflitos, à semelhança do que tem acontecido noutros cantos do globo?

JC - Se a Frelimo continuar a trabalhar como ela tem vindo a funcionar, a trabalhar e a raciocinar, colocando a satisfação da vida do povo como interesse principal, eu penso que podemos encontrar formas de se evitar que haja conflitos em volta da descoberta de recursos naturais. Temos que encontrar uma forma de fazer com que os recursos naturais sirvam os interesses do povo também. Vão ter que servir os interesses daqueles que exploram porque investem somas de dinheiro em processos de tecnologias, etc., mas temos que ver que os donos desses recursos, que é o povo, tenham uma parte. É como se eu tivesse uma grande manada de bois e vender a alguém que tem dinheiro; tens gado, não tens dinheiro e precisas de dinheiro. Então, tens que vender a alguém que tem dinheiro, se queres enlatar a sua carne e não tens uma máquina

para fazer isso, tens que comprar máquina, mas o gado não deixa de ser teu. Agora, o que é preciso é que nesta compra e venda, tu, o dono do gado, possas ter o suficiente para fazer elevar o teu nível de vida, a razão que te fez criar esse gado. Então, é mais ou menos isto que eu penso. Portanto, se estivermos guiados pela justiça social nós podemos fazer muito para evitar essas guerras que existem nos outros países.

Nada dita que próximo presidente tem que ser do norte, centro ou sul

Not - Estamos nas vésperas da realização do X Congresso. Há vozes que sugerem que o próximo presidente da Frelimo terá que ser do centro ou do norte do país. Até que ponto isso constitui verdade?

JC - Eu nunca entrei em discussão com ninguém sobre quem vai ser o futuro presidente. Eu sou tão paciente que espero as instâncias necessárias, onde vamos discutir isso; onde vai ser colocado um ponto a esse problema; vai ser colocado o problema, mas por aquilo que eu sei, como princípio da Frelimo, esse nunca foi um critério de selecção, se é do norte, do centro, do este, ou do oeste, porque o povo moçambicano precisa de se identificar com um líder que é capaz de manter este povo unido, um aglutinador deste povo, um que pode representar as aspirações do norte, do centro, do sul, do este e do oeste. É este presidente que tem que ser escolhido e os militantes vão reconhecer o dentro das investigações que estão fazendo. Partir do ponto de que tem

que ser do centro, então aí podem se perder muito; partir do ponto de que tem que ser do norte, ou que por tradição, já chamam tradição, não é tradição porque não há nada marcado que diz que tem que ser do sul. Por exemplo, não tivemos a discussão para saber que vem aí o camarada Guebuza, nasceu em Nampula, é do sul ou é do norte; não tivemos isso, mas ele nasceu em Nampula, cresceu cá, os pais são de cá, mas ele é de lá e eu conheço muitos camaradas que nasceram no norte e que se sentem do norte porque nem falam numa língua de cá, nem familiares cá não conhecem. Temos uma camarada que nasceu em Manica e que cresceu em Sofala e que se sente como de Sofala, não tem nada com Manica e vice-versa. Encontramos gente assim, portanto, isso não é critério; o critério é encontrar um líder capaz de aglutinar no seu coração todo o povo moçambicano, deixa de ser do sul, deixa de ser do norte, deixa de ser do centro para ser do povo moçambicano e se sinta realmente bem em qualquer ponto do país e que possa transmitir esse sentimento a toda população.

Mundo diplomático apoderou-se de mim

Not - Partindo do princípio que um militante da Frelimo nunca se recusa a uma tarefa que lhe é confiada pelo partido; se os militantes e o povo vissem em Joaquim Chissano o líder aglutinador e o convidassem à presidência do partido e da República, como responderia?

JC - Eu responderia analisando a minha própria consciência. Eu responderia que não era capaz de desempenhar; é preciso também a pessoa que é escolhida entregar-se para poder desempenhar a tarefa e

se não é capaz de desempenhar a tarefa tem que dizer que não seria capaz de desempenhar essa tarefa, em primeiro lugar. Em segundo lugar, não há uma maneira de se chegar à conclusão de que o povo quer alguma coisa, senão através de um processo eleitoral; não há um processo eleitoral que vai dizer que queremos Chissano, porque aí haveria de se ver, está aqui, o povo quer mas isso significaria fazer eleições para eleições, e nós não fazemos isso. Portanto, houve, da vez passada, pessoas que disseram que o povo quer que você fique e eu disse, mas qual povo, e diziam todo o povo, e eu dizia que olha... na província tal eu tive tantos votos, portanto, votos inferiores aos votos do líder da oposição. Será que esse povo quer que eu fique? Na província tal a mesma coisa, como é que você chega à conclusão antes das eleições de que o povo quer? Pessoalmente eu já expliquei que já, naquela altura, achava que era inconveniente eu continuar na direcção do partido, na direcção do país e que era conveniente que se elegesse outra pessoa para dirigir o país antes que eu pudesse resvalar ou derrapar ou gripar e já tinha feito coisas satisfatórias, talvez não óptimas, satisfatórias e não era preciso que eu chegasse a fazer mais coisas ou esperar para que o povo dissesse já não te queremos. Podia não ser todo o povo, mas podia ser um punhado, porque aí é mais fácil ter um punhado de pessoas e dizer que representam o povo e empurrarem-te para fora do que para as pessoas te elegerem, porque aqui já precisa de uma maioria, mas para sair para fora nem uma maioria. Portanto, não era preciso esperar que as coisas começassem a andar mal para depois dizer que agora já tenho que sair, não. Afinal de contas quero que o meu sucessor entre e encontre uma situação de trabalho; eu não quero que encontre coisas destruídas. Por isso que em 1992 quando assinámos o acordo de paz eu cá consigo disse para mim, olha, já consegui que a

paz voltasse; talvez seja o momento de saltar e deixar outros para fazerem isso, mas olhei para o país e eu disse: deixa meu sucessor, seja ele quem for, mesmo que venha a ser da oposição para vir encontrar essa situação das ruínas que o país tinha, o tecido social dilacerado como estava. Senti como se estivesse a ser um desertor da grande luta que ainda faltava. Então vou fazer avançar a luta da reconstrução nacional e reconstruímos o país. Isso levou cinco anos, o essencial da reconstrução e depois era preciso cinco anos para a organização da etapa seguinte, lançar as bases do desenvolvimento. Então, quando eu saio, saio com a impressão de que o meu sucessor será capaz de ter novas ideias, novas iniciativas, mas numa base mínima de trabalho que se deixa no país. É assim como eu raciocinei porque eu tinha ficado muito tempo, mais de dois mandatos, se falarmos de mandatos. No período monopartidário fiquei oito anos, portanto, mais do que um mandato. Já tinha ficado o tempo suficiente para alguém poder começar a sentir-se demasiado auto-suficiente, todo poderoso, etc. Portanto, antes que isso acontecesse, antes de ser apanhado por esse "bicho" achei que era melhor sair. Contrariamente aquilo que eu queria de facto, eu tinha pensado que havia de ser capaz de ficar a militar na base. No princípio nem isso consegui, porque o mundo diplomático apoderou-se mais de mim do que o próprio país. Portanto, a minha ambição não foi satisfeita; que era trabalhar, militar numa célula. Aliás, fui escolhido para militar em três células, conforme as províncias onde eu tenho actividades económicas e sociais. Iniciei na província de Gaza e um pouco aqui em Maputo, mas depois comeci a voar demais para o estrangeiro e perdi o básico. E não é agora que eu devo chegar aí e dizer que agora estou mais preparado para governar; agora estou menos preparado para governar do que quando eu assumi a presidência.